

Deponentes: Michel Marie Le Ven

Entrevistadora: Maria Celina Albano

Data do depoimento: 23 de junho de 2015

MARIA CELINA ALBANO: Bom dia Michel Marie Le Ven, em primeiro lugar eu gostaria de agradecer, né, você ter aceito [*sic*] nosso convite, é muito importante para os trabalhos da Comissão de Minas Gerais da Verdade, né, termos o seu depoimento. E como eu já disse a você, eu gostaria muito que a gente fizesse um depoimento mais focado em alguns pontos que é eu li na, nos seus depoimentos e gostaria que eles fossem mais esclarecidos. O primeiro ponto que eu levantaria e que eu tenho maior interesse em ter maiores detalhes é com relação a sua prisão no Colégio Militar. Pelo o que eu li você ficou lá três meses, né. Então eu gostaria que você contasse a partir da prisão, né, da Casa do Horto, como que você chegou? O que você lembra do cotidiano lá do Colégio Militar? Das pessoas que passaram por lá, dos próprios é militares que, né, te entrevistavam, e qual é a grande acusação contra você e seus companheiros que foram, né, denominados os Padres Franceses do Horto. Bom, podemos começar então.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Então bom dia também e também fico agradecido de retomar a convivência com você, né? Só para lembrar é verdade que o primeiro trabalho universitário que eu fiz foi com você.

MARIA CELINA ALBANO: Ah me lembro.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: E a Lígia lá no DCPJA sobre Estratégias de Sobrevivência das Classes, não é populares, das classes entre “pobres”.

MARIA CELINA ALBANO: Pobres.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: E fizemos isso, eu devia ser meio inconsciente, mas quem me convidou como te convidou também foi o Balan, Professor Balan e Elizabeth Relin, que, aliás, me acolheram tão bem. Estrangeiro tem sempre mais facilidade de conversar com estrangeiro, né, então foi muito legal é, inclusive essa noção de estrangeiro faz parte da nossa história, né. Como te falar isso, não, não nasci especialmente destinado a ser preso, né. É agora tenho muita referência nas prisões, morando também em Ribeirão das Neves, que também lutamos. Não sou contra as prisões, mas contra o tratamento do, quer dizer tem uma certa relação entre o que vivemos em 68 e adiante, né.

MARIA CELINA ALBANO: Certo.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: E o que se vive hoje, os problemas são os mesmos, mas enfim. Então, primeiro eu cheguei no Brasil em novembro em 1965, com o destino já definido que era de cooperar para construir em Belo Horizonte o local para os jovens religiosos que entravam na Congregação dos Assuncionistas. E então de fato não tive muito tempo para, para militar sobre o que eu ia fazer, então em 65 eu graças a Deus, tinha muitos amigos já aqui da, franceses, da região Bretanha.

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: E muitos, muitos ex-alunos, porque tinha sido professor também lá na França, né, e assim é foi, foi uma nova experiência na minha vida. Era relativamente é novo para assumir tanta responsabilidade. Inclusive resiste bastante, não resistir, mas enfim, é fiquei, fiquei impressionado, não sabia português, nunca havia estudado português. Não sabia muito do Brasil, porque nunca tinha passado, pensei em ir para África, isso faz parte um pouco do imaginário de lá, né. Mas enfim, cheguei e pedi para pelo menos ter um tempo de estudo da língua. Então passei o mês de janeiro de 66 em São Paulo, no colégio também da Assunção, de freiras, né.

MARIA CELINA ALBANO: Ah, o colégio, a Ordem dos Assuncionistas é o mesmo Colégio Assunção?

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Tinha é... alias tem ainda...

MARIA CELINA ALBANO: A ala feminina... é tem.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: ...em São Paulo e tinha também em Belo Horizonte.

MARIA CELINA ALBANO: Em Belo Horizonte.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Em Nova Lima. As Irmãs vinham, cuidavam dos operários, as professoras, né, tinha um colégio aqui e também isso me ajudou a me situar um pouco aqui. E então 66 foi praticamente de me acostumar, passei a gostar e a entender que era bom ter chegado aqui. Quando passei no seminário lá de Angelópolis. Seminário que preparava para a onde tinha grandes amigos e também ex-alunos lá da França e no mesmo ano já comecei a circular. Mas foi o início foi um tempo muito difícil sim. E então em 67 é com amigos, tive o direito de ir tirar dois meses de férias na França, na Bretanha, né, e podia é pedir de suspender a minha volta, mas já estava conquistado e então falei: “É claro que volto né, comecei, não é agora que vou parar, né.”. Em 67 então.

MARIA CELINA ALBANO: Esqueci.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Fui para lá e agora que recebo, que recebi a o relatório do CNI.

MARIA CELINA ALBANO: Ah você recebeu?

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: É por ser aliciado, eles tem que entregar isso, né. E tem uma coisa que até hoje não entendo bem e às vezes entendo um pouquinho. É no relatório do CNI, a primeira coisa que tem que sou não é acusado, mas que eles tinham a informação sobre mim é que eu fui para França, né.

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Á pedido de, á serviço do Partido Comunista Francês e que, é ia trazer, é ia ser um elemento perigoso aqui no Brasil.

MARIA CELINA ALBANO: De ligação com o Partido Comunista aqui ou da França?

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Partido Comunista da França.

MARIA CELINA ALBANO: Da França? Sim.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Da França. Até hoje não entendo muito bem como que mal, mal falava português, ainda não dava aula, né, então fica uma incógnita. Depois que estudei, estudei muito o clima, pode ser, tinha na época operação Condor, e a França infelizmente, acho que falo isso rapidamente, ela tinha.

MARIA CELINA ALBANO: Uma participação.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Uma participação na formação, na guerra de Argélia, mas também na ex - Indochina.

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Se criou o que eles chamavam de “Ação Psicológica”. Então o inimigo, primeiro você tem que ter informações, depois você tem que conhecer todos os elementos da vida dele, depois então é que você começa a agir. Ação Psicológica. Que foi uma perversidade muito grande.

MARIA CELINA ALBANO: Sem dúvida.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Daí então falo sempre isso gente, a base dessa ideologia era o segredo é a informação. Por isso que se tortura.

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Para conseguir informação sobre tal coisa. Conheceu? Não conheceu? Fulano? Fulano.

MARIA CELINA ALBANO: Você lembra da... de quem eles perguntavam para você nos interrogatórios? Ou era uma coisa geral?

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Não, primeiro tive que responder a porque eu vim para o Brasil.

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Que eu ia fazer aqui? Vou, posso comentar também uma, isso foi o tempo que foi revirando isso, eles apesar de ter sido interrogado por seis tipo de CENIMAR é o CENIMAR eu reconhecia porque eu fiz o serviço militar na França. Então conheço o meio da pessoal mais formal, mas enfim e as outras, agora a base da interrogação, da prisão e tudo era a Polícia Militar de Minas Gerais.

MARIA CELINA ALBANO: Mais do que o exército?

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Mais do que o exército. O exército estava com a mão, mas então 77 recebo o convite para dar aula na PUC UCMG, no novo curso que estava sendo organizado a partir dessa nova formulação teológico do... e eu passei quatro anos em Roma e tive um ano maravilhoso em Lion.

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim, é.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Lion é a capital, aliás, em termos de vida prefiro Lion á Paris, fiquei cinco anos lá. E então é já comecei a, a entender melhor e posso dizer a final o tanta Polícia, mas ninguém, ninguém entrou em cima da... onde podia me pegar.

MARIA CELINA ALBANO: E a onde que era?

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Era a criação da JOC feminina principalmente de tinha uma casa das domésticas.

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: E nós criamos um comitê de apoio aos grevistas do mês de abril de 68.

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Que para mim foi uma revelação, é se tiver tempo eu gostaria de falar também.

MARIA CELINA ALBANO: Sim, certo.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Qual foi a mudança que estava se processando na Juventude Operária Católica.

MARIA CELINA ALBANO: É quando você tomou contato com a JOC, como você avalia, avaliava a JOC na época?

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Á JOC brasileira eu conheço a JOC desde 1948.

MARIA CELINA ALBANO: Meu Deus.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: É porque a minha irmã é foi da JOC e teve responsabilidades da JOC, começou a ter muitas revistas, uma abertura para o mundo, né.

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Falo para ela, ela chama Lidía, ela tem 90 anos agora, tem sobrevivido.

MARIA CELINA ALBANO: Nossa, está na Bretanha?

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: E tenho duas irmãs, a outra é freira, foi freira também, mas também com 86 anos, então é uma grande responsabilidade de ser sobrevivente, né, dessa, e então a JOC fez parte do meu universo que acabei no percurso depois é bem, bem definitivamente voltado Lian Marques, a filosofia mesmo do seminário era ensinado, era comentado, era uma coisa que fazia parte do... Mas gostaria de voltar sobre á JOC depois porque talvez foi o grande achado dos militares, de destruir de uma vez esses idealistas, porque éramos idealistas né? Que é tinha também assumido a defesa e a promoção da classe operária. E a JOC estava deixando de ser um movimento piedoso para ser um movimento, vou falar a palavra político.

MARIA CELINA ALBANO: Político.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Político em todo sentido. Porque tinha toda uma tradição, a JOC, então em 67 já comecei a, mas isso autorizado pelo bispo da daqui, né.

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim, daí a ideia de ir para o Horto, um bairro operário?

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Tá, é.

MARIA CELINA ALBANO: Que tinha de marcante?

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Nós que escolhemos porque antes de nós havia um padre francês Lebeur que era desse grupo muito avançado que chamava Mission de France, e claro veio aqui e ficou no bairro operário.

MARIA CELINA ALBANO: Hum, sei.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: E nós chegamos também e Ali voltou pra a França e nós que assumimos a paróquia, apesar de não ser da mesma congregação.

MARIA CELINA ALBANO: Ele era de outra congregação?

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Ahn?

MARIA CELINA ALBANO: Ele era de outra congregação?

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: É, Mission de France.

MARIA CELINA ALBANO: Ah Mission de France é uma congregação?

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: É, Mission de France. Mas já que eu conhecia a história dos padres operários. Então em 77 fico aqui com jovens, fizemos, o nosso ideal era de ser uma formação religiosa pela prática então fizemos o que se

fazia já na França, se chama Cambission. Você saia durante três semanas são jovens e pegava ia nas roças da França.

MARIA CELINA ALBANO: Sim, no interior.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Era mais voltado para o campo.

MARIA CELINA ALBANO: Para o campo, certo.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: E nós, eu sugeri, foi autorizado, então fizemos a, com ajuda das irmãs da Assunção que estavam.

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: E como que chama a cidade? Cidade.. Depois, não me vem, né.

MARIA CELINA ALBANO: Aqui do Brasil?

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: E elas nós ajudaram, nós apoiaram.

MARIA CELINA ALBANO: Hum, certo.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: E foi uma parte do grupo, a beira mar que era também da minha família, né.

MARIA CELINA ALBANO: Hum, e você também né?

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: E o outro a onde eu fiquei mais tempo é nos Caiçaras com muitos japoneses e era só cultivo de banana.

MARIA CELINA ALBANO: A onde isso? Aqui?

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: É, no estado de São Paulo.

MARIA CELINA ALBANO: Ah no estado de São Paulo?

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: É.

MARIA CELINA ALBANO: Certo.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: O nome da cidade é.

MARIA CELINA ALBANO: Deixa depois você lembra.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: É depois eu me, mas isso para mim foi é então mergulhei na.

MARIA CELINA ALBANO: Certo.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: E voltamos e começou, mudamos então, começamos o seminário Coração Eucarístico.

MARIA CELINA ALBANO: Coração Eucarístico.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Que não gostei, realmente passamos seis meses né, foi muito duro, mas depois eu procurei uma casa para ficar porque eram doze seminaristas, mas três, dois padres. E aí encontrei o vigário da floresta, que hoje é psicanalista, né.

MARIA CELINA ALBANO: Sim, é, verdade como ele chama mesmo?

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: O professor é o Padre Noelias.

MARIA CELINA ALBANO: Noelias não.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Mas o nome dele estar por aí.

MARIA CELINA ALBANO: Tem aqui no livro, ahn?

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: E aí ele falava que tem [*sic*] que pagar, nós temos que pagar alguma coisa, porque então falou vocês não pagam nada, é era uma casinha.

MARIA CELINA ALBANO: Hum, sei.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: De classe fomos arrumar lá dentro e o melhor tempo que passei no Brasil. E um dia ele me fala: “Não então vou te dar um trabalho.”, eu falei: “Ótimo” e falou: “Então vamos lá juntos.”. Ele me levou nas favelas.

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim, da beira do Arrudas?

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: A beira do Arrudas, exatamente. É a onde tem, era, e é ainda acho, dos famosos, não preocupa que...

MARIA CELINA ALBANO: Não, tudo bem.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: A memória dos nomes, depois eles voltam.

MARIA CELINA ALBANO: É mais difícil.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Perrela!

MARIA CELINA ALBANO: Perrela!

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Tinha monte de pelo de porco.

MARIA CELINA ALBANO: É, era um matadouro ali, tinha um matadouro.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Era impressionante, mas ele falou: “Acho que é aqui que você vai se dar bem.”. Falei: “Então eu te agradeço, realmente é isso que eu quero.”. Então tinha pego [*sic*] essa parte da comunidade da floresta, e foi mais um, mais um lugar que me senti bem.

MARIA CELINA ALBANO: Certo.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Me senti [*sic*] muito, muito bem.

MARIA CELINA ALBANO: Agora Michel nessa época você já tinha contato com outras ordens religiosas aqui ou vocês ficavam mais afastados? Assim, os dominicanos, os franciscanos.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Claro que é.

MARIA CELINA ALBANO: Tinha algum.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Primeiro que não vim sozinho, tinha a, é o padre que ficou como vigário, e também tem uma história também de prisão, de maneira diferente, é Padre Pierre e um padre mais novo Xavier que ficou mais tempo e Hervé.

MARIA CELINA ALBANO: Sim. Hervé.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Que não era dessa comunidade, mas ele veio, era professor de literatura brasileira, sabia mais de Guimarães Rosa do que as táticas de guerra revolucionárias.

MARIA CELINA ALBANO: (risos) Que ótimo.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Ele estava aqui fazendo um ano de formação, na formação de catequese, a nova catequese. Tudo, a gente estava querendo dar o esforço. A congregação nesse ponto era ela sempre se preocupou com a, vai aprendendo, vai aprendendo na vida.

MARIA CELINA ALBANO: Na vida.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Poderia falar mais tempo sobre isso, mas tinha dois grandes institutos, Instituto de Estudos Agostinianos. E uma ala [*sic*] também é de estudos bizantinos.

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: O fundador da congregação tinha esse mundo antigo e mundo, por isso que foram para Grécia, para Turquia, para Moscou, para...

MARIA CELINA ALBANO: E no Brasil era São Paulo e Belo Horizonte?

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: São Paulo e o Rio.

MARIA CELINA ALBANO: E o Rio também? São Paulo, Rio e Minas?

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: É a congregação chegou aqui em torno de 1935, por aí.

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim, certo.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Mas porque que eu estou falando isso, então fomos viver lá no Horto, tem foto nesse livro aí da...

MARIA CELINA ALBANO: Sim, que você me emprestou.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Depois deixa da uma olhada e comecei a aprofundar meu trabalho com a JOC.

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: E comecei a dar aula, é de ideologia moral.

MARIA CELINA ALBANO: Aqui?

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: No seminário, né.

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim, no seminário da PUC?

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Que era da PUC, mas era fora da PUC.

MARIA CELINA ALBANO: É.

MICHEL MARIE LE VEN MARIE LE VEN: Porque era uma experiência da igreja também que reunir todos os teólogos, e filósofos que iam ser padres, né.

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN: E lá encontrei um mundo muito rico. Por isso que falo com muito carinho dos franciscanos de Divinópolis, dos carmelitas, dos dominicanos. Isso tem uma grande importância.

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim, e os jesuítas? Os jesuítas não? Você não tinha?

MICHEL MARIE LE VEN: Jesuíta não, jesuíta Padre Vaz depois me ajudou muito.

MARIA CELINA ALBANO: Ah! Sim.

MICHEL MARIE LE VEN: Me ajudou [sic] muito depois. Então é então entrei como professora, professor, e é eu participava da, um trabalho de professor de uma instituição.

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN: Que está sendo organizada, então para mim era.

MARIA CELINA ALBANO: Tudo. Melhor.

MICHEL MARIE LE VEN: Era o melhor que eu podia ter, né.

MARIA CELINA ALBANO: Como diz os francês (trecho incompreensível).

MICHEL MARIE LE VEN: Eu tinha passado um ano na França é maravilhoso. Depois de Roma, onde gostei muito, mas um certo [sic] tipo, né, a gente tinha um ano de adaptação se quiser, tinha acompanhamento das novidades pastorais. E ao mesmo tempo tinha aula de sociologia, de políticas, das faculdades católicas de Lion que são também. Então eu cheguei aqui muito, muito armado, não é armado.

MARIA CELINA ALBANO: Preparado.

MICHEL MARIE LE VEN: Preparado para o que der e vier.

MARIA CELINA ALBANO: O que der e vier. Pois é o que deu para você ser tão foco da... dos órgãos de repressão, né, naquela prisão que aconteceu em 68 né?

MICHEL MARIE LE VEN: É.

MARIA CELINA ALBANO: Porque você ainda...

MICHEL MARIE LE VEN: Tá e como disse um belo dia as seis horas da manhã batem na minha porta e quem vejo lá, é o capital, ele veio de uniforme.

MARIA CELINA ALBANO: Que capital? Você lembra o nome dele, não?

MICHEL MARIE LE VEN: Claro, Gomes Carneiro.

MARIA CELINA ALBANO: Ah Gomes Carneiro! Certo, nossa! Hum.

MICHEL MARIE LE VEN: E tá, tá, vamos é em frente, né. Então vamos falar da prisão.

MARIA CELINA ALBANO: Certo.

MICHEL MARIE LE VEN: É eu tinha sido avisado.

MARIA CELINA ALBANO: Hum.

MICHEL MARIE LE VEN: Que, qualquer, a nossa casa tinha muro então uma Combi parava regularmente, não é Combi não é esse carro rural.

MARIA CELINA ALBANO: Ah rural, Rural Willys.

MICHEL MARIE LE VEN: É que deu muita gente, né.

MARIA CELINA ALBANO: Certo.

MICHEL MARIE LE VEN: Eles é...

MARIA CELINA ALBANO: Passavam.

MICHEL MARIE LE VEN: Ficavam lá observando e eu não ligava para essas coisas, era meio, não via porque ter problemas. Bem que me falaram: "Cuidado.". Mas eles não sabiam nada de JOC, nada de então em primeira greve de 68 foi abril e a segunda foi em outubro. Outubro, digamos que não deu, era visado do jeito, a Polícia sabia mais do que AP, do que.

MARIA CELINA ALBANO: Todos.

MICHEL MARIE LE VEN: Foi um erro total e.

MARIA CELINA ALBANO: A greve de outubro, quando começa analisar os movimentos grevistas, a greve de outubro foi à greve que chama: "A greve de Contagem"?

MICHEL MARIE LE VEN: É dos metalúrgicos.

MARIA CELINA ALBANO: Dos metalúrgicos de Contagem?

MICHEL MARIE LE VEN: Dos metalúrgicos foi por causa do.

MARIA CELINA ALBANO: Vamos para abril.

MICHEL MARIE LE VEN: Ahn?

MARIA CELINA ALBANO: É abril teve uma greve?

MICHEL MARIE LE VEN: Não abril teve uma.

MARIA CELINA ALBANO: Hum.

MICHEL MARIE LE VEN: Que foi, todo mundo foi surpreendido.

MARIA CELINA ALBANO: Sim, é dos metalúrgicos.

MICHEL MARIE LE VEN: Mas o passarinho chegou na... no aeroporto e falou: "Eu não tenho medo de fazer cadáveres.". Então isso realmente e foi a gente já estava também querendo, vendo que a coisa não ia ser fácil. Então um belo dia chega um militar, senta no meu escritório, no birô, e começa a pegar tudo o que eu tinha. É ele me falou: "Não, o senhor vai, vamos, viemos aqui, o nosso coronel vai ter muito prazer em conversar com um sujeito tão culto, tem muitos livros.". Mas com isso foi pegando foto da família, é livros, na época correspondia a um milhão.

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN: Eu não sei mais se era cruzeiro.

MARIA CELINA ALBANO: Isso.

MICHEL MARIE LE VEN: Mas muitos livros meu, eu fiquei sem. Todas as anotações que eu tinha, mas fui meio, nunca escondi você lembra que na época tinha uma pasta que abria e fechava assim?

MARIA CELINA ALBANO: Sim, certo.

MICHEL MARIE LE VEN: É as folhas eram praticamente tudo cheio.

MARIA CELINA ALBANO: É na época, como é que se chamava gente? Era um caderno que abria e fechava, eu tenho uma outra [sic] também. Eu sei qual que é.

MICHEL MARIE LE VEN: É, era muito prático.

MARIA CELINA ALBANO: Era muito prático.

MICHEL MARIE LE VEN: E era principalmente tudo que tinha aprendido em Recife, mas é como que chama a cidade famosa que é perto?

MARIA CELINA ALBANO: Olinda.

MICHEL MARIE LE VEN: É?

MARIA CELINA ALBANO: Olinda.

MICHEL MARIE LE VEN: Olinda, ficamos lá, eu fiquei dois meses. Não vou dizer que foi uma lavagem cerebral, mas enfim.

MARIA CELINA ALBANO: Para o bem né?

MICHEL MARIE LE VEN: Mas foi é os professores, o Nordeste era outra coisa na época, não era São Paulo, era o Nordeste. E tivemos 15 dias de formação histórica política e evidente também de classe operária e de nova visão do cristianismo sobre. E depois fiquei um mês com os assistentes do Brasil inteiro. Tinha dois polos, é Porto Alegre e o Nordeste, Maranhão. A JOC na época era basicamente o extremo sul e o extremo norte.

MARIA CELINA ALBANO: Ah o nordeste era os dois polos fortes?

MICHEL MARIE LE VEN: É, realmente.

MARIA CELINA ALBANO: Interessante, né, porque o, a estrutura industrial do país estava no sudeste né?

MICHEL MARIE LE VEN: Mas o sudeste não era o que é hoje.

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim. Perfeito.

MICHEL MARIE LE VEN: O bispo de... em Porto Alegre ele era mais aberto do que aqui em Belo Horizonte era uma JOC muito tradicional, terço, meditação, mas para ser um bom cristão.

MARIA CELINA ALBANO: Cristão, um bom militante político.

MICHEL MARIE LE VEN: Um bom militante político.

MARIA CELINA ALBANO: Mas aí conta, quando o Carneiro, né, o Gomes Carneiro chegou e os seus companheiros, vocês não reagiram? Não aceitaram?

MICHEL MARIE LE VEN: Como, você imagina, às seis e meia da manhã, eu já estava saindo para a oração da manhã, o José Geraldo que hoje é bispo.

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN: De Juazeiro.

MARIA CELINA ALBANO: Ah é? Juazeiro do Norte.

MICHEL MARIE LE VEN: É, ele na época estava no último ano de Teologia, inclusive acabou de ser ordenado padre em 69.

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN: Mas quem tinha formação internacional, que tinha estudado no Chile, na Argentina, você está entendendo, e ele que também estava pronto. A gente tinha [sic] arrumado um canto, como a pequena capela, né, ali ele falou: “O que está acontecendo aqui?”. Mas chegaram então dois soldados com armas, né.

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim.

MICHEL MARIE LE VEN: Nós vimos que o negócio estava sério.

MARIA CELINA ALBANO: Certo.

MICHEL MARIE LE VEN: Demorou muito no meu quarto, tirou tudo, quando, nossa mãe! Isso vocês que falam.

MARIA CELINA ALBANO: É.

MICHEL MARIE LE VEN: Os livros, anotações, até depois o Coronel Euclides de Figueiredo, mas isso na segunda fase da, do Colégio Militar, ele me falou, falava assim: “É o senhor é muito organizado.”. Eu falei: “É facilitei o trabalho para vocês.”, da época que.

MARIA CELINA ALBANO: Claro. O Euclides Figueiredo que você está se referindo é o irmão do Figueiredo, né?

MICHEL MARIE LE VEN: Figueiredo.

MARIA CELINA ALBANO: Que foi presidente.

MICHEL MARIE LE VEN: Tá, nós temos que distinguir. Primeira fase.

MARIA CELINA ALBANO: Do Colégio Militar?

MICHEL MARIE LE VEN: É, final de...

MARIA CELINA ALBANO: Novembro.

MICHEL MARIE LE VEN: Novembro, dezembro, Natal.

MARIA CELINA ALBANO: Ano novo.

MICHEL MARIE LE VEN: A gente muda de, a gente foi preso e levado para o fundo.

MARIA CELINA ALBANO: Do colégio?

MICHEL MARIE LE VEN: Do Colégio Militar.

MARIA CELINA ALBANO: Ahn.

MICHEL MARIE LE VEN: Meu quarto da Fafich, do meu escritório.

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN: Dava direto da, fiquei 30 anos quase.

MARIA CELINA ALBANO: No atual prédio da FAFICH dava para ver?

MICHEL MARIE LE VEN: Dava. Existem ainda.

MARIA CELINA ALBANO: Mas você via a reitoria, né, lá? Você via o campos?

MICHEL MARIE LE VEN: Não, na época.

MARIA CELINA ALBANO: Não dava?

MICHEL MARIE LE VEN: É.

MARIA CELINA ALBANO: Mas você sabia que estava no Colégio Militar? Eles falaram?

MICHEL MARIE LE VEN: Falaram.

MARIA CELINA ALBANO: Não teve nenhum encapuzamento não?

MICHEL MARIE LE VEN: Inclusive é tem dois, tem da Aeronáutica.

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN: E tem esse do Exército.

MARIA CELINA ALBANO: Pois é, mas os dois eram no mesmo lugar?

MICHEL MARIE LE VEN: Não, embaixo, meio escondido e quando estava preso lá um belo dia escuto muito barulho, era os primeiros presos de Ibiúna que estavam chegando.

MARIA CELINA ALBANO: Ah! Estavam chegando.

MICHEL MARIE LE VEN: E sendo presos, eu reconheci alguma voz do Maresguia.

MARIA CELINA ALBANO: Sei.

MICHEL MARIE LE VEN: Que tem uma história também depois ele.

MARIA CELINA ALBANO: Hum.

MICHEL MARIE LE VEN: E.

MARIA CELINA ALBANO: Vocês ficaram lá até quando?

MICHEL MARIE LE VEN: Então depois fomos é eu não falava nada porque, falar o que? Falar não, então o senhor vai lá conversar com o coronel, regime militar. Então fomos para lá de manhã né, e entramos no colégio, no colégio, no.

MARIA CELINA ALBANO: No espaço.

MICHEL MARIE LE VEN: No espaço e.

MARIA CELINA ALBANO: Labirinto.

MICHEL MARIE LE VEN: Lá descendo, descendo e a onde que vamos ficar por aqui?

MARIA CELINA ALBANO: Porão.

MICHEL MARIE LE VEN: Porão. Então pegaram todo o meu material, jogaram no...

MARIA CELINA ALBANO: Na caminhonete?

MICHEL MARIE LE VEN: No, ele, no... te falar a palavra.

MARIA CELINA ALBANO: No carro?

MICHEL MARIE LE VEN: Ahn?

MARIA CELINA ALBANO: No rural?

MICHEL MARIE LE VEN: Não, desceram a...

MARIA CELINA ALBANO: Ah lá no Colégio Militar?

MICHEL MARIE LE VEN: É.

MARIA CELINA ALBANO: Ah, sim?

MICHEL MARIE LE VEN: Entrou.

MARIA CELINA ALBANO: No porão?

MARIA CELINA ALBANO: No porão?

MICHEL MARIE LE VEN: Não, no.

MARIA CELINA ALBANO: Ah no centro da aeronáutica?

MICHEL MARIE LE VEN: Não, não. Eu fiquei lá, mas me prenderam no, não tinha banheiros.

MARIA CELINA ALBANO: Ah.

MARIA CELINA ALBANO: Vestiário?

MICHEL MARIE LE VEN: Ahn?

MARIA CELINA ALBANO: Era um vestiário?

MICHEL MARIE LE VEN: Não, o negócio que faz xixi, coco, na sei.

MARIA CELINA ALBANO: Ah tá!

MARIA CELINA ALBANO: Ah!

MARIA CELINA ALBANO: Ele ficou lá no banheiro mesmo.

MARIA CELINA ALBANO: No banheiro! Dentro do banheiro.

MARIA CELINA ALBANO: Naquela casinha do banheiro.

MICHEL MARIE LE VEN: Fiquei lá até dez horas da noite.

MARIA CELINA ALBANO: Ah! Sozinho?

MICHEL MARIE LE VEN: Sozinho, com as minhas coisas no chão. Sorte que sou preparado para tudo que der e vier. Mas enfim a gente... (trecho incompreensível) isso, mas talvez vai ser só para hoje.

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim.

MICHEL MARIE LE VEN: É você fica sonhando.

MARIA CELINA ALBANO: É.

MICHEL MARIE LE VEN: Tá então, agora dá em tudo na sua cabeça.

MARIA CELINA ALBANO: Imagino.

MICHEL MARIE LE VEN: Tudo, minha família na França, é enfim, meus irmãos, tinha minha mãe o meu pai tinha morrido já, mas enfim, isso às vezes se esquece isso [*sic*], que prisioneiro ele também é um ser que tem sentimentos.

MARIA CELINA ALBANO: Sem dúvidas.

MICHEL MARIE LE VEN: Isso às vezes se esquece [*sic*] muito. Isso porque, então sua vida passa tudo, nessa. Mas eu não sei como que aguentei o dia inteiro, porque foi quase doze horas. De dez horas da manhã até dez horas da noite.

MARIA CELINA ALBANO: Sem nenhum contato? Sem nada?

MICHEL MARIE LE VEN: Não.

GABRIELA: Alimentação?

MICHEL MARIE LE VEN: Nenhuma comida, nada.

MARIA CELINA ALBANO: Nada.

MICHEL MARIE LE VEN: Mas isso é uma tática, como eu tinha já estudado prisão pela guerra da Argélia.

MARIA CELINA ALBANO: Hum.

MICHEL MARIE LE VEN: Meus alunos já com 23, 24 anos, que a França chamou na guerra da Argélia, 400 mil jovens.

MARIA CELINA ALBANO: É jovens.

MICHEL MARIE LE VEN: Então conheço muito bem a, aliás, pode ser que esse negócio do Arcebispo do partido comunista que tem haver com isso. Porque a gente ficava sabendo das torturas que a França estava inventando um tipo diferente de...

MARIA CELINA ALBANO: Certo.

MICHEL MARIE LE VEN: ...Tortura para obter informação, era isso.

MARIA CELINA ALBANO: É tortura psicológica também.

MICHEL MARIE LE VEN: Psicológico todo tipo de, não é à toa [*sic*] que me deixaram, me deixaram dez horas no...

MARIA CELINA ALBANO: Sem comida.

MICHEL MARIE LE VEN: Mas eu sabia dessas coisas, então você reza você. E às dez horas da noite então me pegaram e jogaram na sala de interrogatório. Não é jogaram, empurraram lá dentro. E quem estava lá era um homem a paisana, alegre, (trecho incompreensível). “Sabemos que o senhor é uma pessoa muito culta, tudo e

tal.". E eu: "É vamos ver o que vai vim aqui, né.". E começou a desfilir todos os crimes que tinha cometido.

MARIA CELINA ALBANO: O esse o interrogador?

MICHEL MARIE LE VEN: É e ele falando, falando, falando, falando. E eu falei: "Epa [sic], agora que estou entendendo o que é." É que meu (trecho incompreensível), a casa estava aberta, é e vinha de vez em quando, de 15 em 15 dias um jovem, que pedia ajuda. Estava com fome, ele estava com uma ferida na perna e que ele participava da guerra, da guerrilha do Caparaó.

MARIA CELINA ALBANO: Que tinha participado.

MICHEL MARIE LE VEN: É que estava.

MARIA CELINA ALBANO: Ah é?

MARIA CELINA ALBANO: Agora é o meu.

MICHEL MARIE LE VEN: Que era ate escritor de preparação de guerrilha.

MARIA CELINA ALBANO: Hum.

MICHEL MARIE LE VEN: Mas eu vi de tanto, e tinha ido para Ipatinga para matar, organizaram a morte do Costa e Silva.

MARIA CELINA ALBANO: Ah.

MICHEL MARIE LE VEN: Que ia inaugurar o alto forno.

MARIA CELINA ALBANO: Da Usina.

MICHEL MARIE LE VEN: Da Usina. Eu falei: "Não pode ir.". Como é tudo construção e entendi e consegui depois avisar o pessoal: "Cuidado com fulano que fica sempre na porta da Igreja São José e que vai lá em casa, que ele é gente dupla da...". Foi uma (trecho incompreensível) para mim.

MARIA CELINA ALBANO: (Trecho incompreensível).

MICHEL MARIE LE VEN: Então começou a interrogação, falei: "Não eu conheço sim Ipatinga que é meu trabalho, eu sou assistente religioso de JOC, é meu trabalho.". E eu.

MARIA CELINA ALBANO: Mas você falou com eles que era da JOC?

MICHEL MARIE LE VEN: É, eu não tinha nada para esconder nesse ponto.

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim, certo.

MICHEL MARIE LE VEN: E de fato tinha ido lá, eu tinha sido informado depois o Dazinho cumprimentou, complementou para mim tudo que, o massacre de sessenta e.

MARIA CELINA ALBANO: Sessenta e três...

MICHEL MARIE LE VEN: DE 63. E os seminaristas, e lá tinha um cara chamado Peter, que escreve romance, ele não é do sindicato, mas trabalha no sindicato, e a gente conversou muito e ele falou: "Professor aqui é o Vale do Aço aqui ameaça e morte, aqui se mata.". Enfim estou dando uma história que mantive contato com o cara, porque ele escrevia.

MARIA CELINA ALBANO: Certo.

MICHEL MARIE LE VEN: Mas claro que não, para o militar não falava nada, né.

MARIA CELINA ALBANO: Hum.

MICHEL MARIE LE VEN: E ele foi.

MARIA CELINA ALBANO: E eles não falavam que ia te manter preso, nem nada? Deixar você solto?

MICHEL MARIE LE VEN: Ahn?

MARIA CELINA ALBANO: Eles falavam que iam te soltar naquele dia? Ou que ia manter você preso? Porque você ficou três meses lá né, você não voltou.

MICHEL MARIE LE VEN: É fiquei, fui solto no dia 05 de fevereiro. Então janeiro todinho, dezembro todinho.

MARIA CELINA ALBANO: Todinho.

MICHEL MARIE LE VEN: E parte de novembro.

MARIA CELINA ALBANO: E parte de novembro.

MICHEL MARIE LE VEN: Isso dá nós ficamos obrigados, toda semana, a nós apresentar no Colégio Militar, toda sexta-feira.

MARIA CELINA ALBANO: Ah depois desse período de fevereiro?

MICHEL MARIE LE VEN: Até outubro.

MARIA CELINA ALBANO: Outubro de 69?

MICHEL MARIE LE VEN: É e era.

MARIA CELINA ALBANO: Um ano vocês ficaram?

MICHEL MARIE LE VEN: Ahn?

MARIA CELINA ALBANO: Um ano vocês ficaram sob vigília?

MICHEL MARIE LE VEN: É

MARIA CELINA ALBANO: Liberdade condicional. É, uma espécie de liberdade condicional. Uma liberdade condicional, pode ficar na sua casa.

MICHEL MARIE LE VEN: Não é, como que faz para criar gado.

MARIA CELINA ALBANO: É.

MICHEL MARIE LE VEN: Era isso não.

MARIA CELINA ALBANO: É.

MICHEL MARIE LE VEN: Como que chama? Que você cerca?

MARIA CELINA ALBANO: Curral.

GABRIELA: Curral.

MICHEL MARIE LE VEN: Curral, mas é tem uma palavra é que você está preso dentro dela.

MARIA CELINA ALBANO: É

MICHEL MARIE LE VEN: Tem uma palavra que me escapou agora. E o interrogatório continua e .

MARIA CELINA ALBANO: Sempre sobre mesmo ponto ou várias perguntas?

MICHEL MARIE LE VEN: Não, praticamente tudo o que o cara tinha anotado e eu conseguia seguir a, esperava até, então estava tranquilo nesse ponto é. E chegou uma hora que eu tinha sumido, mas você vai se acostumando a tudo, né?

MARIA CELINA ALBANO: É mesmo?

MICHEL MARIE LE VEN: Eu falei para ele: “Mas o senhor é o que?”. Que falei.

MARIA CELINA ALBANO: O que estava a paisana?

MICHEL MARIE LE VEN: A paisana.

MARIA CELINA ALBANO: Certo.

MICHEL MARIE LE VEN: Ele falou: “Sou professor!”, eu falei: “Não é possível, professor?”. Então ele ficou puto, e passou atrás de mim, me bateu e eu levantei e falei para o coronel: “Cuidado, eu sou Frances, eu exijo a presença do cônsul, que conheço pessoalmente, ele chama Leucir Baten, e não respondo mais a nenhuma pergunta dele.”, Então ele ficou furioso, mas parou de me bater.

MARIA CELINA ALBANO: Sim. E esse professor era quem? Você não lembra do nome dele?

MICHEL MARIE LE VEN: Ahn? Quem?

MARIA CELINA ALBANO: Desse professor.

MICHEL MARIE LE VEN: Então era o famoso coronel Mota.

MARIA CELINA ALBANO: Ah Coronel Mota.

MICHEL MARIE LE VEN: Mota, muita gente sofreu nas mãos dele.

MARIA CELINA ALBANO: É muita gente sofreu.

MICHEL MARIE LE VEN: Era professor, coronel professor.

MARIA CELINA ALBANO: Ah professor do colégio lá?

MICHEL MARIE LE VEN: Do colégio.

MARIA CELINA ALBANO: Do Colégio Militar. Quando você estava lá você via movimento de aluno?

MICHEL MARIE LE VEN: Não, não.

MARIA CELINA ALBANO: Era tudo separado.

MICHEL MARIE LE VEN: O comando é lá escondido no meio do mato, né.

MARIA CELINA ALBANO: Ah certo.

MICHEL MARIE LE VEN: Não é, é muito grande lá, mas de quilômetros, com certeza, né.

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim. E os seus colegas, os padres que foram presos? Vocês tinham comunicação?

MICHEL MARIE LE VEN: Então eles foram presos no mesmo dia também, todos que chegavam lá na casa, pegavam. Até um dominicano que estava lá para prestar solidariedade foi preso.

MARIA CELINA ALBANO: Foi preso também.

MICHEL MARIE LE VEN: E levado. E foi um dia muito duro para mim porque...

MARIA CELINA ALBANO: E o governo Frances com você três meses presos?

MICHEL MARIE LE VEN: Ah não, ele.

MARIA CELINA ALBANO: Eles deram apoio?

MICHEL MARIE LE VEN: Deu apoio, eu fui é embaixador, cônsul.

MARIA CELINA ALBANO: Vocês tinham advogados?

MICHEL MARIE LE VEN: Os superiores da França.

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN: Não é foi, virou.

MARIA CELINA ALBANO: Teve impacto.

MICHEL MARIE LE VEN: Virou um evento internacional, vocês vão vendo no livro.

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MARIA CELINA ALBANO: Uhum.

MICHEL MARIE LE VEN: Virou um conflito mais aberto do exército com o vaticano, era Paulo VI, né.

MARIA CELINA ALBANO: Ah já era?

MICHEL MARIE LE VEN: Ele mandou um Núncio para acompanhar em Belo Horizonte a prisão dos padres franceses.

MARIA CELINA ALBANO: Certo.

MICHEL MARIE LE VEN: Circulou o mundo inteiro.

MARIA CELINA ALBANO: Imagino.

MICHEL MARIE LE VEN: E nesse ponto que queria complementar. O que não falei no dia, é que veio o dia 12 de dezembro de 68.

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim! O dia do AI-5.

MICHEL MARIE LE VEN: O AI-5.

MARIA CELINA ALBANO: Certo.

MICHEL MARIE LE VEN: Quando foi.

MARIA CELINA ALBANO: Vocês souberam dentro da prisão do AI-5?

MICHEL MARIE LE VEN: Ahn?

MARIA CELINA ALBANO: Vocês souberam sobre o AI-5 dentro da prisão?

MICHEL MARIE LE VEN: De manhã eu entendi que estava tendo alguma coisa diferente. É porque, então vou falar dessa noite, né, eu vou inclusive retornar certas coisas que escrevi.

MARIA CELINA ALBANO: Hum, sim.

MICHEL MARIE LE VEN: Realmente essa noite do...

MARIA CELINA ALBANO: AI-5.

MICHEL MARIE LE VEN: 12, do AI-5, para nós foi uma, porque...

MARIA CELINA ALBANO: Foi o que?

MICHEL MARIE LE VEN: Ahn?

MARIA CELINA ALBANO: Essa noite foi o que para vocês?

MICHEL MARIE LE VEN: Então é foi seguinte, o exército voltou no Horto e revirou a casa toda, saqueou a cozinha. Então os estudantes que estavam lá, todo mundo, se escondeu, né. E claro que isso me pesava, mas o que eu poderia fazer né? E, quando foi é foi em torno de nove horas o Coronel Mota.

MARIA CELINA ALBANO: Foi.

MICHEL MARIE LE VEN: Á paisana.

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN: É no volante da nossa Combi, da comunidade.

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN: Que bateram nela e depois fizeram concerto e meses depois nós devolveram uma Combi nova.

MARIA CELINA ALBANO: Sim, devolveram.

MICHEL MARIE LE VEN: Tinha sido comprada exatamente para...

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN: E ele no volante, eu, José Geraldo, Xavier, Hervé, acho que é isso na Combi, a gente: "O que vai acontecer?", e o cara foi muito claro: "Agora é a última noite que vocês vão passar."

MARIA CELINA ALBANO: Meu Deus.

MICHEL MARIE LE VEN: Só que agora mudou tudo, agora não tem mais direito, agora não tem mais Deus, agora não tem mais bispo, agora não tem mais. E rodamos a noite toda e eu não conhecia Belo Horizonte, então não sei por onde que passamos.

MARIA CELINA ALBANO: Certo.

MICHEL MARIE LE VEN: Acredito que ele não foi muito longe porque o carro não tinha nenhuma identificação, era nosso carro.

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim, é.

MICHEL MARIE LE VEN: Era um carro normal de..., então daqui a pouco eu mato vocês, é a última noite que vocês e foi continuando a noite toda, toda.

MARIA CELINA ALBANO: Falando isso?

MICHEL MARIE LE VEN: Toda. E a gente não podia falar porque, o que você ia falar? E quando foi seis horas da manhã, ele parou com a Combi, Deus tem horas que Deus, eu conseguir pular fora.

MARIA CELINA ALBANO: Ah você não estava algemado e nem nada?

MICHEL MARIE LE VEN: Não.

MARIA CELINA ALBANO: Normal.

MICHEL MARIE LE VEN: Normal e o José Geraldo também.

MARIA CELINA ALBANO: Pulou?

MICHEL MARIE LE VEN: Conseguiu pular e num [sic] minuto eu já conhecia já.

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN: Ah quando o bispo veio foi no prédio da escola, é.

MARIA CELINA ALBANO: Qual escola?

MICHEL MARIE LE VEN: Que as coisas mais surpreendentes passavam lá.

MARIA CELINA ALBANO: Que escola?

MICHEL MARIE LE VEN: O colégio.

MARIA CELINA ALBANO: Ah o Colégio Militar.

MICHEL MARIE LE VEN: O colégio mesmo.

MARIA CELINA ALBANO: Ah vocês estavam perto do Colégio Militar.

MICHEL MARIE LE VEN: Eu conhecia o coronel que era o homem desses homens liberais, então não é para cá, não é para lá, tudo certinho.

MARIA CELINA ALBANO: Esse tempo Michel, você não foi torturado?

MICHEL MARIE LE VEN: Não.

MARIA CELINA ALBANO: Não?

GABRIELA: Só psicologicamente.

MICHEL MARIE LE VEN: Não, fisicamente não.

MARIA CELINA ALBANO: É, só psicologicamente?

MICHEL MARIE LE VEN: Os outros colegas foram torturados.

MARIA CELINA ALBANO: Ah foram torturados?

MICHEL MARIE LE VEN: É. Pauladas.

MARIA CELINA ALBANO: Pau de arará?

MICHEL MARIE LE VEN: Nossa cada noite louca. Mas então...

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim.

MICHEL MARIE LE VEN: Eu vi o coronel.

GABRIELA: Mota.

MARIA CELINA ALBANO: Mota. Gomes Carneiro.

MICHEL MARIE LE VEN: Não, não nem Gomes, não. O comandante.

MARIA CELINA ALBANO: Ah o Euclides Figueiredo.

MICHEL MARIE LE VEN: Não, não.

MARIA CELINA ALBANO: É o comandante do Colégio Militar?

MICHEL MARIE LE VEN: É outra história completamente diferente.

MARIA CELINA ALBANO: Ah tá. Comandante da escola.

MICHEL MARIE LE VEN: Facó que ele chama.

MARIA CELINA ALBANO: Facó? Ah Facó.

MICHEL MARIE LE VEN: Facó.

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim. Não é Rui Facó não. Coronel Facó.

MICHEL MARIE LE VEN: É ele me fala assim: “O que o senhor esta fazendo aqui?”. Eu falei para ele: “Coronel eu que pergunto, porque eu estou aqui?”. “É o Coronel Mota nos pôs [sic] na nossa Combi e rodamos a noite toda, nós ameaçando.”. Nossa o homem entrou em uma fúria.

MARIA CELINA ALBANO: É?

MICHEL MARIE LE VEN: Sabe todo militar anda com...

MARIA CELINA ALBANO: Sim, com o quepe e um...

MICHEL MARIE LE VEN: Mas eu já via muito movimento, falei: “Curioso, seis horas da manhã.” e então ele saiu e chama o Coronel Mota.

MARIA CELINA ALBANO: Hum.

MICHEL MARIE LE VEN: E manda ele fora, proibido de recolar os pés no Colégio Militar.

MARIA CELINA ALBANO: Lá no Colégio Militar. Que sorte.

MICHEL MARIE LE VEN: Depois eu convivi com ele e só que quando ele desceu, eu descí também, um lugar que dava para ver, né.

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN: Todo o pessoal gritar estava enfileirada na frente, é seis horas da manhã, seis e meia, e era a ordem para mandar os militares fazerem as censuras dos jornais, anunciando o AI-5.

MARIA CELINA ALBANO: Ah, o AI-5.

MICHEL MARIE LE VEN: Então a noite do AI-5 a gente sabe o que, que deu, né. Que...

MARIA CELINA ALBANO: E vocês voltaram para o Colégio Militar? Ficaram, continuaram lá?

MICHEL MARIE LE VEN: Continuamos em baixo.

MARIA CELINA ALBANO: É em baixo. E vocês saíram com advogado?

MICHEL MARIE LE VEN: Então como tinha feito tanto movimento, vocês vão ver nesse...

MARIA CELINA ALBANO: Hum sim.

MICHEL MARIE LE VEN: 1.300 freiras em frente ao palácio do bispo gritando que: “Queremos os padres franceses.”

MARIA CELINA ALBANO: Os padres franceses.

MICHEL MARIE LE VEN: Enfim virou.

MARIA CELINA ALBANO: Tá eu sei.

MICHEL MARIE LE VEN: Núncio [sic], São Paulo, Nordeste, foi um...

MARIA CELINA ALBANO: E o arcebispo era Dom João Resende Costa?

MICHEL MARIE LE VEN: Costa, é.

MARIA CELINA ALBANO: E Dom Serafim já estava também na Cúria?

MICHEL MARIE LE VEN: Também. Era reitor da Católica.

MARIA CELINA ALBANO: Da PUC. E qual foi e reação deles?

MICHEL MARIE LE VEN: Demoraram um pouco para...

MARIA CELINA ALBANO: Para assumir.

MICHEL MARIE LE VEN: Mas no livro falo das missas que foram realizadas, que foram denunciadas.

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN: Até um dia que o Dom João foi autorizado a visitar os presos.

MARIA CELINA ALBANO: A visitar os presos.

MICHEL MARIE LE VEN: Isso não escrevi, não sei se vou escrever e foi uma cena, é Dom João já não é muito alto, né.

MARIA CELINA ALBANO: É.

MICHEL MARIE LE VEN: Eles puseram ele nesses, nessas poltronas de couro que você some dentro da...

MARIA CELINA ALBANO: Ah! Certo.

MICHEL MARIE LE VEN: Eu pus a cadeira perto dele e uns 10 coronéis, capitais, majores foi cada um com o seu...

MARIA CELINA ALBANO: E os outros freis? Os outros companheiros seus não apareceram não?

MICHEL MARIE LE VEN: Não, eles não foram chamados.

MARIA CELINA ALBANO: Só você? Você era o líder na verdade

MICHEL MARIE LE VEN: Era “superior” entre aspas.

MARIA CELINA ALBANO: É você era o superior. Certo.

MICHEL MARIE LE VEN: Também me prenderem primeiro, né.

MARIA CELINA ALBANO: É justo.

MICHEL MARIE LE VEN: Aí, e acertaram, porque eu é que estava mais aparte, inclusive sou para falar, tem um padre que era também professor nesse instituto que a gente estava.

MARIA CELINA ALBANO: Hum sei, de teologia.

MICHEL MARIE LE VEN: Ele em uma reunião, a gente tinha, eu falava pouco, porque não sou de falar muito.

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN: E também o meu português era, eu fiquei extrema, mas como que conseguia falar tudo? Eu com dois anos, três anos no Brasil, mas enfim. A vida é assim, né. Esse padre que é inclusive parente da líder dos catequistas da igreja do Horto, ele falou assim: “É o padre Michel Marie Le Ven, é muito enigmático, ele não fala.”. Depois que me dei conta: “O que esse cara queria dizer?”. E foi ele que me denunciou.

MARIA CELINA ALBANO: Ah! Que você foi denunciado por um padre?

MICHEL MARIE LE VEN: Eu não sei que... Ele era padre.

MARIA CELINA ALBANO: Ele era de alguma ordem? Ou era padre circular?

MICHEL MARIE LE VEN: Não. Na verdade da Arquidiocese.

MARIA CELINA ALBANO: Ah da Arquidiocese. Certo.

MICHEL MARIE LE VEN: E também dizem, mas eu não quero aprofundar isso, um dos nossos seminaristas também.

MARIA CELINA ALBANO: Também?

MICHEL MARIE LE VEN: Contou essas histórias que eu tinha falado que já 4.000 guerrilheiros prontos para, está tudo no...

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim. Ah tá.

MICHEL MARIE LE VEN: Ah e o bispo é convocou o maior, o primeiro o Gamalhier [sic] que ele chamava.

MARIA CELINA ALBANO: Ah Gamaliel.

MICHEL MARIE LE VEN: Gamalhier [sic] da PUC, né?

MARIA CELINA ALBANO: É.

MICHEL MARIE LE VEN: Foi muito gentil, ele teve a ideia, acesso a minha prisão, né. Eu lembro dos dois.

MARIA CELINA ALBANO: O Gamaliel era advogado, não?

MICHEL MARIE LE VEN: Advogado.

MARIA CELINA ALBANO: É.

MICHEL MARIE LE VEN: Sobre colchão puído, né, e ele me explicando o que era *Habeas Corpus*.

MARIA CELINA ALBANO: Hum.

MICHEL MARIE LE VEN: Eu falei: “Eu não sei o que é *Habeas Corpus*.”

MARIA CELINA ALBANO: É.

MICHEL MARIE LE VEN: “Ah vou tentar, vamos tentar.”. E de fato chamaram o maior criminalista que tinha, o Ariosvaldo.

MARIA CELINA ALBANO: Ah o Ariosvaldo Campos Pires?

MICHEL MARIE LE VEN: Muito bem.

MARIA CELINA ALBANO: O Ariosvaldo Campos Pires que foi advogados de vocês?

MICHEL MARIE LE VEN: É.

MARIA CELINA ALBANO: Olha!

MICHEL MARIE LE VEN: Tá no, está tudo nesse livro.

MARIA CELINA ALBANO: Certo, perfeito, perfeito.

MICHEL MARIE LE VEN: Então...

MARIA CELINA ALBANO: E vocês saíram juntos? Todos vocês juntos?

MICHEL MARIE LE VEN: Ah quando saímos?

MARIA CELINA ALBANO: Ou você saiu em épocas diferentes?

MICHEL MARIE LE VEN: Tá então, agora Natal recebemos presente do Papa, nunca tive uma...

MARIA CELINA ALBANO: Uma ceia?

MICHEL MARIE LE VEN: Um presente de Natal tão consequente e a gente passava a noite, eu passava a noite me treinando para poder dizer tranquilo lá: “Nunca vi essa pessoa, qual é o telefone eu não sei.”, e acabava, mas passava boa parte da noite aprendi que você se treinando a dizer: “Não vou falar nada, não sei, não sei.”. Eu lembro que tinha uma revista da China, em espanhol, para gente e logo o que eu vou falar, ela estava na casa de uma amiga, né, e na véspera eu fui lá buscar porque estava precisando do não sei o que: “O que eu vou falar sobre isso?”. E quando, eu fiquei amigo do escrivão, sargento escrivão né, ele falou para mim: “O amanhã tem esse pacote aqui que foi o jeito de...”. E quando veio esse tal de jornal chinês, eu falei: “Eu comprei na Afonso Pena.”. Assim com toda a tranquilidade.

MARIA CELINA ALBANO: Numa [sic] banca, banca de jornal.

MICHEL MARIE LE VEN: O do escrivão me olhou e...

MARIA CELINA ALBANO: Passou.

MICHEL MARIE LE VEN: E nem quero ter porque você imagina, o que é 200 horas de interrogatório?

MARIA CELINA ALBANO: De interrogatório.

GABRIELA: Nossa.

MARIA CELINA ALBANO: E eles faziam interrogatórios também com os outros e você, coisas assim? Era sempre separado?

MICHEL MARIE LE VEN: Não, à noite eu ficava num canto, mas todos na mesma sala.

MARIA CELINA ALBANO: Certo. Gabriela, quantas horas?

MICHEL MARIE LE VEN: É talvez eu.

MARIA CELINA ALBANO: Não é não sei.

GABRIELA: 11h37min

MARIA CELINA ALBANO: 11 horas? Ah ainda dá.

MICHEL MARIE LE VEN: Então Colégio Militar porque você queria sobre isso, né.

MARIA CELINA ALBANO: Certo.

MICHEL MARIE LE VEN: Colégio Militar tem antes do Natal, do 1^a do ano, e depois, deu tanto movimento da Europa, Roma, Vaticano.

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN: Está tudo lá no...

MARIA CELINA ALBANO: Agora Miguel, vocês tinham horários de andar no pátio, de tomar banho de sol?

MICHEL MARIE LE VEN: Tinha, depois de um certo [sic] tempo. Mas isso na segunda fase, a primeira fase.

MARIA CELINA ALBANO: Qual que é a segunda fase?

MICHEL MARIE LE VEN: Que então muda essa equipe.

MARIA CELINA ALBANO: Ah! A segunda fase é quando?

MICHEL MARIE LE VEN: E chega então do Rio o coronel da cavalaria.

MARIA CELINA ALBANO: Euclides.

MICHEL MARIE LE VEN: Que é Ulisses.

MARIA CELINA ALBANO: Euclides.

MICHEL MARIE LE VEN: Euclides.

MARIA CELINA ALBANO: Euclides Figueiredo.

MICHEL MARIE LE VEN: Chegaram, só faltava chapéu de Napoleão e cavalos para, de botas, com armas e começou outro tipo de interrogatório.

INTERLOCUTOR Sim, ah sim! Entendi.

MICHEL MARIE LE VEN: Com o Coronel Euclides.

MARIA CELINA ALBANO: Certo.

MICHEL MARIE LE VEN: Que tinha dois prazeres e dois ódios na vida dele; O comunismo e a Igreja.

MARIA CELINA ALBANO: Ah! Então casava.

MICHEL MARIE LE VEN: Então chamava três majores que é tenente, major, capitão e depois o coronel.

MARIA CELINA ALBANO: Coronel.

MICHEL MARIE LE VEN: É que um grupo de três passava 15 dias estudando os meus textos, eu falei: “Vocês querem alguma aula, eu posso dar para vocês.”. Porque para eles era, enfim tem histórias, mas...

MARIA CELINA ALBANO: Agora eles perguntavam especificamente pessoas, por exemplo, nessa época já tinha, a igreja tinha os dominicanos muito atuantes, né. É Dom Hélder Câmara, eles perguntavam a você sobre determinada figura da igreja?

MICHEL MARIE LE VEN: Pouco.

MARIA CELINA ALBANO: Pouco?

MICHEL MARIE LE VEN: Pouco, eles queriam saber, por exemplo, quem que era Dona Medellín.

MARIA CELINA ALBANO: Sim,

MICHEL MARIE LE VEN: Falei isso também, quem é essa Dona Medellín.

MARIA CELINA ALBANO: Dona Medellín, ótimo.

MICHEL MARIE LE VEN: Quem é essa mulher? Vocês estão apaixonados por ela? Até o dia que falamos não, é uma cidade.

MARIA CELINA ALBANO: Cidade.

MICHEL MARIE LE VEN: Então quando o exército entrou em Juiz de Fora e saiu também que fomos condenados.

MARIA CELINA ALBANO: Ah vocês foram à Juiz de Fora?

MICHEL MARIE LE VEN: Não, não.

MARIA CELINA ALBANO: Vocês ficaram aqui? Vocês não saíram do Colégio Militar para outro lugar?

MICHEL MARIE LE VEN: Não, ficamos lá no Colégio Militar.

MARIA CELINA ALBANO: Nas mãos do exército?

MICHEL MARIE LE VEN: Nas mãos, só que desta vez o alto exército, você imagina?

MARIA CELINA ALBANO: Ah imagino.

MICHEL MARIE LE VEN: O chefe do SNI.

MARIA CELINA ALBANO: É do SNI.

MICHEL MARIE LE VEN: Eles achavam que tinham achado o segredo.

MARIA CELINA ALBANO: A conexão?

MICHEL MARIE LE VEN: É o que tem nessa igreja? O que tem nesses estrangeiros? O que? E também já tinha tomado liberdade, né.

MARIA CELINA ALBANO: Certo.

MICHEL MARIE LE VEN: Certo, falava o que passava na cabeça, o que, o principal ele não tinha o que.

MARIA CELINA ALBANO: Estranho, né, Michel?

MICHEL MARIE LE VEN: Mas por outro lado, estou doído para ter esse.

MARIA CELINA ALBANO: Material.

MICHEL MARIE LE VEN: Material. Porque você imagina.

MARIA CELINA ALBANO: Dos seus depoimentos né?

MICHEL MARIE LE VEN: É foi tudo, tudo...

MARIA CELINA ALBANO: Tudo.

MICHEL MARIE LE VEN: Tudo datilografado né, isso tudo durou até início de fevereiro.

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN: O clima para mim era mais claro, mas para os colegas foi horrível.

MARIA CELINA ALBANO: Foi.

MICHEL MARIE LE VEN: Eles tinham interrogatórios toda a noite em grupo.

MARIA CELINA ALBANO: Ah em grupo?

MICHEL MARIE LE VEN: Em grupo.

MARIA CELINA ALBANO: Então você ficou numa situação deferente deles?

MICHEL MARIE LE VEN: Eu, mas eles me chamavam para assistir a tortura.

MARIA CELINA ALBANO: Ah! Era tortura física?

MICHEL MARIE LE VEN: Chamaram até uma vez, implicaram porque nos, lá no Horto tinha um espaço livre e teve a festa junina e claro que uns dizem que nós convidamos, mas vieram as lideranças do movimento, Travassos, todo esse pessoal veio também.

MARIA CELINA ALBANO: Ah é? O movimento estudantil?

MICHEL MARIE LE VEN: Nossa senhora lá, então isso ficou.

MARIA CELINA ALBANO: Foi antes da sua prisão?

MICHEL MARIE LE VEN: Ahn?

MARIA CELINA ALBANO: Essa festa foi antes da sua prisão ou depois?

GABRIELA: Durante.

MICHEL MARIE LE VEN: Não era.

GABRIELA: Durante, né?

MICHEL MARIE LE VEN: Não, foi mas, maio, junho.

MARIA CELINA ALBANO: Não, de 68?

MICHEL MARIE LE VEN: É.

MARIA CELINA ALBANO: Então foi antes da prisão.

GABRIELA: Ah tá, foi antes da prisão

MICHEL MARIE LE VEN: É, porque a UNI.

MARIA CELINA ALBANO: Sim, busca, a UNI buscava muito era essa aproximação da igreja, né?

MICHEL MARIE LE VEN: E AP.

MARIA CELINA ALBANO: AP, AP.

MICHEL MARIE LE VEN: PSDB foi depois.

MARIA CELINA ALBANO: Certo. Agora você, e quando você saiu da prisão? Você voltou de novo para o Horto? Continuou fazendo as suas coisas? Sem se sentir vigiado ou sabendo que estava?

MICHEL MARIE LE VEN: Não, continuei. É também os cacos que tinham sobrado.

MARIA CELINA ALBANO: Certo.

MICHEL MARIE LE VEN: Que a casa era praticamente inabitável, tudo estava quebrado e foi o tempo... Ah estava falando é porque uma noite então éramos acusados de ter convidados os Travassos.

MARIA CELINA ALBANO: Os Travassos, a liderança.

MICHEL MARIE LE VEN: “Eu vou procurar, eu vou traduzir aqui para vocês verem, que vocês estão mentindo [sic]”. E fora na aeronáutica a onde estavam os presos de Ibiúna e chamaram o João Batista dos Mares Guia.

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim!

MICHEL MARIE LE VEN: E João Batista veio e o Gomes Carneiro que era um cara completamente louco.

MARIA CELINA ALBANO: Psicopata.

MICHEL MARIE LE VEN: Tive notícias dele, ele pirou depois, era pirado.

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN: Para ser torturador desse jeito e então chega a João Batista.

MARIA CELINA ALBANO: João Batista.

MICHEL MARIE LE VEN: Ele era mais ou menos baixo. Eu já, de: “Ser capitão nosso, eles tem direitos de fazer o que querem, de convidar quem quiserem, se não tivesse feito esse convite eles não teriam cumprido a mensagem do evangelho que tem.”. Assim o capitão quase que se derreteu, falei é: “Dessa vez.”. Lembro isso para o jovem, agora ele não gosta muito de falar desse tempo, né?

MARIA CELINA ALBANO: Não.

MICHEL MARIE LE VEN: Mas então o interrogatório virou uma coisa muito sem sentido. Tanto que uma noite, acho que contei isso, que o Coronel Euclides estava irritado, e ele se aproximou e falou: “Esse cara aí está sendo interrogado desde hoje de manhã.”. Já era cinco e meia.

MARIA CELINA ALBANO: Da tarde.

MICHEL MARIE LE VEN: “E está lá tranquilo, está tranquilo.”. E eu falei: “Coronel posso falar uma coisa? O senhor sabe por que estou tranquilo? Porque eu sei por que eu estou aqui. O senhor não sabe, não entende nada de igreja, não entende nada de Medellín.”.

MARIA CELINA ALBANO: É.

MICHEL MARIE LE VEN: Ele avançou para mim (trecho incompreensível), não sou francês.

MARIA CELINA ALBANO: Você sempre utilizava isso?

MICHEL MARIE LE VEN: Eu utilizei o tempo todo.

MARIA CELINA ALBANO: Certo.

MICHEL MARIE LE VEN: Mas os meus colegas não.

MARIA CELINA ALBANO: Não usaram?

MICHEL MARIE LE VEN: Não usaram. E a gente não podia se comunicar.

MARIA CELINA ALBANO: Ah!

MICHEL MARIE LE VEN: A gente tinha direito a 20 minutos no parque do colégio lá em cima, né.

MARIA CELINA ALBANO: Do pátio.

MICHEL MARIE LE VEN: Mas é, sem conversar um com o outro. Tem fotos aí, realmente muito triste.

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim. Muito triste.

MICHEL MARIE LE VEN: E o Padre Croguenec ele dava um jeito e falava: “Michel Marie Le Ven quando que vamos sair daqui?”. Eu não sei. Mas um dia vai chegar que vamos sair, né, daqui. Ele não se recuperou disso.

MARIA CELINA ALBANO: Ah não?

MICHEL MARIE LE VEN: O Xavier também não se recuperou, porque depois uma longa história.

MARIA CELINA ALBANO: Eles foram embora?

MICHEL MARIE LE VEN: Não, tentamos continuar.

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim.

MICHEL MARIE LE VEN: Continuar na paróquia e eu na JOC né, no que podia.

MARIA CELINA ALBANO: Certo.

MICHEL MARIE LE VEN: E principalmente professor na...

MARIA CELINA ALBANO: Na PUC?

MICHEL MARIE LE VEN: E que me protegia muito.

MARIA CELINA ALBANO: É.

MICHEL MARIE LE VEN: Que tinha carteira de trabalho tinha, então...

MARIA CELINA ALBANO: E você sentiu bem acolhido na PUC? Eles te davam apoio?

MICHEL MARIE LE VEN: Pelos alunos sim.

MARIA CELINA ALBANO: A hierarquia mais alta, não? Certo.

MICHEL MARIE LE VEN: Fui mandado embora, porque depois eu pedi ao Papa que me deu em um mês ele concedeu o que chama de Redução ao Estado Laico.

MARIA CELINA ALBANO: Ah Laico sim.

MICHEL MARIE LE VEN: Que te suspende das ordens.

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim.

MICHEL MARIE LE VEN: E ele me deu isso com...

MARIA CELINA ALBANO: Ah você saiu da ordem bem depois, bem.

GABRIELA: Logo depois?

MARIA CELINA ALBANO: Logo depois?

MICHEL MARIE LE VEN: Logo não, foram dois anos depois.

MARIA CELINA ALBANO: Ah dois anos.

GABRIELA: Bem próximo, né. Dois anos depois.

MARIA CELINA ALBANO: É dois anos.

MICHEL MARIE LE VEN: Dois anos. Mas começou a ficar difícil, Dom João foi intolerável comigo, chegou, mas vocês não falam isso né?

MARIA CELINA ALBANO: Ah não.

MICHEL MARIE LE VEN: “Você está traindo o evangelho.”. Eu levantei e falei: “Dom João só Deus que poderia lhe falar isso, então tchau, eu agradeço, e vou continuar a minha vida”. “O senhor é um idealista, um sonhador.” Eu falei: “Bom cada um.”. Mas eu queria ficar porque, claro que me ofereceram de voltar para França, de ir para Roma.

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN: Casa Generalis, de ser um tipo de inspetor da América Latina, de visitar as comunidades.

MARIA CELINA ALBANO: Ah sei.

MICHEL MARIE LE VEN: Que eu achava, achei, falei para eles: “Isso é meio louco! Vocês imaginam andar pelo Chile, pela Argentina a partir de 73, isso seria...”. Também não queria, falei: “não, vou continuar o que comecei aqui.”. A minha família não entendeu.

MARIA CELINA ALBANO: Você ter ficado?

MICHEL MARIE LE VEN: Como que iam entender?

MARIA CELINA ALBANO: Mas do seu grupo quem voltou para a França ou ninguém voltou, todos permaneceram aqui?

MICHEL MARIE LE VEN: Todo mundo que veio os superiores.

MARIA CELINA ALBANO: Não, nesse grupo que foi preso.

MICHEL MARIE LE VEN: Não, Hervé voltou para o seminário, mas o seminário foi fechado em 70 porque, por causa de eu ser treinador de guerrilha.

MARIA CELINA ALBANO: O seminário de, da a onde? Ah.

MICHEL MARIE LE VEN: Eles foram.

MARIA CELINA ALBANO: De Eugenópolis? O seminário de Eugenópolis? Então foi fechado?

MICHEL MARIE LE VEN: Eles, é outro dia o colega que...

MARIA CELINA ALBANO: Em 70? Tem aí?

MICHEL MARIE LE VEN: O colega que, ele estava no colégio e acharam uma foto.

MARIA CELINA ALBANO: Foi fechado?

MICHEL MARIE LE VEN: Do Geraldo é em um grupo de seminaristas, jovens, de 15 anos.

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN: Essa idade para cima né? E a, o exército pegou e falou: "Prova aqui, treinamento de guerrilha."

MARIA CELINA ALBANO: Ah! O seminário era visto como um lugar também para treinamento?

MARIA CELINA ALBANO: Hum.

MICHEL MARIE LE VEN: Porque tinham visto, é quebraram tudo, né.

MARIA CELINA ALBANO: Meu Deus!

MICHEL MARIE LE VEN: Isso me machucou muito mais do que vivi aqui, era tudo gente conhecido meu, foi, estou escrevendo sobre isso.

MARIA CELINA ALBANO: Ah perfeito. Michel acho que o nosso tempo.

MICHEL MARIE LE VEN: É.

MARIA CELINA ALBANO: Mas foi muito bom, justamente o que eu queria. Você focou bem dessa questão do Colégio Militar, né, do seu tempo, o que você gostaria de acrescentar dentro desse quadro?

MICHEL MARIE LE VEN: Então, tem um detalhe que achei horrível, isso falei da, depois para o coronel, chegava todo sábado.

MARIA CELINA ALBANO: Hum.

MICHEL MARIE LE VEN: Chegava uns 20 alunos do Colégio Militar e o coronel ficava lá falando: "Olha, o comunista comedor de criança, ele é...".

MARIA CELINA ALBANO: Mas ele levava na sua cela ou no pátio?

MICHEL MARIE LE VEN: É na, não. Na, eu atrás das grades.

MARIA CELINA ALBANO: Pois é, na cela!

MICHEL MARIE LE VEN: É.

MARIA CELINA ALBANO: Ele levava os meninos para verem você e os outros?

MICHEL MARIE LE VEN: É, e depois, pior ainda, essas noites que meus colegas eram interrogados.

MARIA CELINA ALBANO: Certo.

MICHEL MARIE LE VEN: Tinha alunos.

MARIA CELINA ALBANO: Ah! Assistindo?

MICHEL MARIE LE VEN: Assistindo. Já desde dos [sic] 17 anos.

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim!

MICHEL MARIE LE VEN: E eu geralmente não falo facilmente, falava: “O que vocês estão fazendo aqui? Vocês com 17 anos, 18 anos, vai para casa menino.”.

MARIA CELINA ALBANO: E eles respondiam Michel?

MICHEL MARIE LE VEN: Ahn?

MARIA CELINA ALBANO: Eles falavam alguma coisa?

MICHEL MARIE LE VEN: Não justificavam, né. O que realmente era, o Xavier tinha, era vigário né, teve uma mudança de moeda na época.

MARIA CELINA ALBANO: Ah pode ser. Sim?

MICHEL MARIE LE VEN: E todas as notas de, seriam hoje um real, dois reais.

MARIA CELINA ALBANO: É, um real, dois, é.

MICHEL MARIE LE VEN: É colocava em uma que, uma mala que era de ferro que.

MARIA CELINA ALBANO: Sim, um baú?

MICHEL MARIE LE VEN: É e que é o que trouxemos de livros e...

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN: Porque eu vim de navio.

MARIA CELINA ALBANO: Ah sei.

MICHEL MARIE LE VEN: Fiquei 11 dias no mar, foi uma delícia.

MARIA CELINA ALBANO: Imagino.

MICHEL MARIE LE VEN: Aí.

MARIA CELINA ALBANO: E esse dinheiro foi parar a onde?

MICHEL MARIE LE VEN: Ahn?

MARIA CELINA ALBANO: O dinheiro desse baú?

MICHEL MARIE LE VEN: Então, tudo isso não sei.

MARIA CELINA ALBANO: Levaram?

MICHEL MARIE LE VEN: Não sei. Ah não! O dinheiro era os dólares de Cuba.

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim.

MICHEL MARIE LE VEN: Eram os dólares de Cuba.

MARIA CELINA ALBANO: Ah que vocês tinham recebido de Cuba? Que coisa não. É

MICHEL MARIE LE VEN foi um tempo muito pesado.

MICHEL MARIE LE VEN: É, você provavelmente tem outras perguntas.

MARIA CELINA ALBANO: É, mas não. Você tem alguma Gabriela?

GABRIELA: Em algum momento o senhor tentou resgatar os seus pertences?

MICHEL MARIE LE VEN: Não.

GABRIELA: Não? Em momento nenhum?

MICHEL MARIE LE VEN: Falei com o Nilmário.

MARIA CELINA ALBANO: Há muito tempo?

MICHEL MARIE LE VEN: Porque quando para Anistia. É você tem que provar

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim.

MICHEL MARIE LE VEN: Esse caderno.

MARIA CELINA ALBANO: É um dossiê.

MICHEL MARIE LE VEN: Eu fui lá em Brasília, a Mônica na época morava em Brasília. Foi mais fácil.

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim, sei.

MICHEL MARIE LE VEN: Então eu andei por todos os Tribunais Militares procurando a onde tem o arquivo principal.

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN: Tinha um cara né, ele falou: “Eu quero ver o que tem no período de 68.”

MARIA CELINA ALBANO: 68.

MICHEL MARIE LE VEN: “68? O que é isso?” Os caras não sabem de nada.

MARIA CELINA ALBANO: Não sabem de nada.

MICHEL MARIE LE VEN: Sabe não, eu fiquei muito desanimado. Muito desanimado.

MARIA CELINA ALBANO: Mas você gostaria de recuperar os seus depoimentos, os seus pertences?

MICHEL MARIE LE VEN: Sim.

MARIA CELINA ALBANO: Livros?

GABRIEL: Tudo.

MARIA CELINA ALBANO: Isso tudo que foi retirado, nunca eles apareceram?

MICHEL MARIE LE VEN: Sim, o próprio Nilmário na época, isso foi bem antes da Comissão da Verdade, né.

MARIA CELINA ALBANO: Sim, certo.

MICHEL MARIE LE VEN: É ninguém imaginava que pudesse recuperar qualquer coisa, né.

MARIA CELINA ALBANO: É. E você não recuperou nada então?

MICHEL MARIE LE VEN: Nada. Inclusive pior que isso, é que agora que eu sei que o meu processo continuou até 75.

MARIA CELINA ALBANO: Ah eles não fecharam o seu processo?

MICHEL MARIE LE VEN: Vocês vão ver aí.

GABRIELA: É no livro tem.

MARIA CELINA ALBANO: Tem no livro.

MICHEL MARIE LE VEN: 75 é.

MARIA CELINA ALBANO: Fecha.

MICHEL MARIE LE VEN: O Figueiredo mais o presidente, 75, então você imagina o tempo que...

MARIA CELINA ALBANO: 07 anos.

MICHEL MARIE LE VEN: Ordem de tatatatatan [*sic*] para chegar a um acordo com a hierarquia da igreja a expulsão imediata dos dominicanos e do Padre Michel Marie Le Ven.

MARIA CELINA ALBANO: Ah ele pediram a expulsão de vocês?

MICHEL MARIE LE VEN: Em 75. Só que, inclusive teve línguas ferinas que falaram que eu casei para não ser mandando embora.

MARIA CELINA ALBANO: Para não. Michel você é...

MICHEL MARIE LE VEN: Aliás, foi uma manifestação política tão bonita. Como, eu casei na igreja. Na igreja de um padre.

MARIA CELINA ALBANO: Amigo.

MICHEL MARIE LE VEN: Esse padre amigo, que foi, porque ele dava aula para, foi acusado de ser pederasta, nessa época.

MARIA CELINA ALBANO: Ah ele? Meu Deus.

MICHEL MARIE LE VEN: Tudo que estava, ligado a nós, por isso que estamos vendo agora.

MARIA CELINA ALBANO: Hum.

MICHEL MARIE LE VEN: Está tudo lá. Está tudo, essas coisas que começava a aparecer de, enfim...

MARIA CELINA ALBANO: Ah só.

MICHEL MARIE LE VEN: Só quero contar uma coisa.

MARIA CELINA ALBANO: Então conta. Pode contar.

MICHEL MARIE LE VEN: Que é a seguinte; Então é, o Dom João e o Dom Serafim me falaram: “O senhor pode voltar para o Instituto, mas me tiraram o curso de Teologia Moral”.

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN: E me deram o estudo dos sacramentos, principalmente da penitência.

MARIA CELINA ALBANO: Olha, interessante.

MICHEL MARIE LE VEN: Eu não sou isso se chama Teologia Dogmática.

MARIA CELINA ALBANO: Dogmática.

MICHEL MARIE LE VEN: É ainda não sou muito, mas enfim.

MARIA CELINA ALBANO: Você aceitou?

MICHEL MARIE LE VEN: Você sabe que é para minha salvação.

MARIA CELINA ALBANO: Muito bem Michel.

MICHEL MARIE LE VEN: Mas é o pior foi que os padres do Instituto também tiveram que responder a duas coisas que ninguém fala nada. Essa daí, maio mais ou menos os padres foram chamados para depor e o outro...

MARIA CELINA ALBANO: Mas depor sobre o caso de vocês ou sobre a igreja em geral?

MICHEL MARIE LE VEN: Não sobre, porque o Instituto virou o foco revolucionário, muitos bispos também achavam isso.

MARIA CELINA ALBANO: Ah.

MICHEL MARIE LE VEN: Como provavelmente agora vão achar que a encíclica do Francisco.

MARIA CELINA ALBANO: Do Francisco.

MICHEL MARIE LE VEN: Sobre meio ambiente é herética, isso pode esperar porque vai...

MARIA CELINA ALBANO: É porque a igreja não é um corpo pensante único né, existem várias igrejas, né.

MICHEL MARIE LE VEN: De homens e mulheres.

MARIA CELINA ALBANO: É, claro.

MICHEL MARIE LE VEN: E, mas tem uma coisa que. Ah! Outra coisa Celina

MARIA CELINA ALBANO: Hum?

MICHEL MARIE LE VEN: Se puder te ajudar.

MARIA CELINA ALBANO: Sim, se puder.

MICHEL MARIE LE VEN: É então 70, 69, 70 eu tinha, tenho bons amigos, sempre tive. Japão.

MARIA CELINA ALBANO: Ah Japão.

MICHEL MARIE LE VEN: Japão fez cada coisa, mas ele não gosta que se contem [sic].

MARIA CELINA ALBANO: É ele é muito na dele.

MICHEL MARIE LE VEN: Ele acompanhou para o Rio quando aconteceu o Pinochet em 73.

MARIA CELINA ALBANO: Hum, sei.

MICHEL MARIE LE VEN: Todos chilenos da JOC apareceram para aqui.

MARIA CELINA ALBANO: Ah.

MICHEL MARIE LE VEN: 73, imagina o que era 73, final do Mendel?

MARIA CELINA ALBANO: É 72,73. Não. É justo.

MICHEL MARIE LE VEN: E aqui chegaram, eu já não mexia, mas o pessoal falou: "Gente vocês não podem ficar aqui, belo horizonte."

MARIA CELINA ALBANO: É muito pequena.

MICHEL MARIE LE VEN: "Voltem para o Rio.". Mas como? Eles não tinham dinheiro, não tinham e o Japão, não fala isso para ele, porque ele não gosta que...

MARIA CELINA ALBANO: Não tá bom [sic], tudo bem.

MICHEL MARIE LE VEN: Japão falou: "tudo bem, eu vou com eles.". Pegou ônibus, ônibus normal.

MARIA CELINA ALBANO: E levou todos para o Rio?

MICHEL MARIE LE VEN: Todos para o Rio. Uns dez por aí.

MARIA CELINA ALBANO: Nossa.

MICHEL MARIE LE VEN: Isso foi, agora a coisa que eu ate hoje não entendi, em 70 então eu estava tentando me reorganizar, foi um período difícil realmente, de repente o Japão me fala: "Michel Marie Le Ven, tem uma coisa que está se fazendo, vai também, que na FAFICH, se falava que era...".

MARIA CELINA ALBANO: Você entrou na FAFICH quando? Em 71?

MICHEL MARIE LE VEN: 71. 70,71.

MARIA CELINA ALBANO: Comigo, é eu entrei também nessa época.

MICHEL MARIE LE VEN: Teve um acordo entre os generais e os bispos.

MARIA CELINA ALBANO: Hum.

MICHEL MARIE LE VEN: Que os bispos cuidem dos padres subversivos que nós cuidamos dos nossos...

MARIA CELINA ALBANO: Subversivos.

MICHEL MARIE LE VEN: Então e que a troca para os religiosos, era quem tivesse o estudo de Filosofia no seminário, isso valeu para os pastores.

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim. Os pastores?

MICHEL MARIE LE VEN: É de igreja, protestantes.

MARIA CELINA ALBANO: Protestantes? Ah sim.

MICHEL MARIE LE VEN: E tinha muitos protestantes.

MARIA CELINA ALBANO: Ah tinha?

MICHEL MARIE LE VEN: Tem, muitos amigos da igreja que tem na Rua Tupis, a esquerda.

MARIA CELINA ALBANO: Metodista?

MICHEL MARIE LE VEN: Vai subindo. Não lembro.

MARIA CELINA ALBANO: Eu sei aquela igreja. Põe isso aí, por favor, anote.

MICHEL MARIE LE VEN: Mas é.

MARIA CELINA ALBANO: A igreja da Rua Tupis?

MICHEL MARIE LE VEN: Mas é, será que isso é verdade?

MARIA CELINA ALBANO: O que?

MICHEL MARIE LE VEN: Que então é padre ou não padre que estudou em seminário é mediante um estudo de 06 meses.

MARIA CELINA ALBANO: Hum. Sim.

MICHEL MARIE LE VEN: Para atualizar os seus conhecimentos eles vão ter, vão ser bacharéis em Filosofia.

MARIA CELINA ALBANO: Oh.

MICHEL MARIE LE VEN: Ninguém, eu falei, eu falo com, mas eu quero você pode também, entendem? Então veio um monte, monte de padre.

MARIA CELINA ALBANO: De padres.

MICHEL MARIE LE VEN: Ex-padre.

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim.

MICHEL MARIE LE VEN: E tivemos aula de Sociologia nos anfiteatros lá da FAFICH.

MARIA CELINA ALBANO: É mesmo?

MICHEL MARIE LE VEN: A professora chegava com as duas [sic], os ratinhos.

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim. Lá da psicologia?

MICHEL MARIE LE VEN: É.

MARIA CELINA ALBANO: Com os ratinhos?

MICHEL MARIE LE VEN: Dava aula com...

MARIA CELINA ALBANO: Ah sim! Eu sei de Pavlov.

MICHEL MARIE LE VEN: E o Padre Vaz me recorre: "O Michel Marie Le Ven faça se...". Eu já tinha aula de Roma, né.

MARIA CELINA ALBANO: Sim

MICHEL MARIE LE VEN: Então não tinha mais do que, que era necessário, né. E o Padre Vaz me fala: "Então vou te dar umas provas até a semana que vem e...".

MARIA CELINA ALBANO: E você passou.

MICHEL MARIE LE VEN: E foi isso.

MARIA CELINA ALBANO: Ótimo.

MICHEL MARIE LE VEN: Então um belo dia, virei Bacharel em Filosofia.

MARIA CELINA ALBANO: Em 06 meses? Em 06 meses.

MICHEL MARIE LE VEN: O que eu fiz também? Agora, alguma coisa esta aparecendo, né. Então é Bacharel em Filosofia. E depois chega, esqueço sempre o nome, um amigo da gente, amigo seu também.

MARIA CELINA ALBANO: Hum.

MICHEL MARIE LE VEN: É, eu não.

MARIA CELINA ALBANO: De que área que ele era?

MICHEL MARIE LE VEN: Ahn?

MARIA CELINA ALBANO: De que.

MICHEL MARIE LE VEN: Que era casado com uma menina que era também professora. Aí meu Deus.

MARIA CELINA ALBANO: Ciência Política?

MICHEL MARIE LE VEN: Não, era Sociologia. Eu tenho, tinha o telefone o nome de...

MARIA CELINA ALBANO: Sim.

MICHEL MARIE LE VEN: Ah é o nosso.

MARIA CELINA ALBANO: Quem gente? Michel Marie Le Ven.

MICHEL MARIE LE VEN: Sou horrível de, na hora que você precisa do nome.

MARIA CELINA ALBANO: Não, mas é porque você...

GABRIELA: Quando precisa.

MICHEL MARIE LE VEN: Ele me fala: “Michel Marie Le Ven, vai começar um mestrado de Ciência Política lá na reitoria, faz! Faça a prova.”. Eu falei: “Você está doido.”.

MARIA CELINA ALBANO: Não, mas o mestrado já existia. Ele te chamou para você fazer a prova, porque o mestrado em Sociologia começou em 66, o mestrado.

MICHEL MARIE LE VEN: Foi e acabei fazendo a prova.

MARIA CELINA ALBANO: Ah.

MICHEL MARIE LE VEN: Portanto, de repente, tinha, era Bacharel em...

MARIA CELINA ALBANO: Em filosofia.

MICHEL MARIE LE VEN: E.

MARIA CELINA ALBANO: Em Ciência Política.

GABRIEL: Ciência Política.

MARIA CELINA ALBANO: É você fez o mestrado. Não é o Bernardo Sorj, não né?

MICHEL MARIE LE VEN: Não, Bernardo Sorj me ajudou muito e mais ainda.

MARIA CELINA ALBANO: O Malory?

MICHEL MARIE LE VEN: Não o Dreivici.

MARIA CELINA ALBANO: Ah o Dreivici, René Dreivici!

MICHEL MARIE LE VEN: Nó [*sic*] o Dreivici foi um irmão assim.

MARIA CELINA ALBANO: Ah certo.

MICHEL MARIE LE VEN: Eu tenho boas lembranças.

MARIA CELINA ALBANO: Boas lembranças, ele era uma figuraça [*sic*].

MICHEL MARIE LE VEN: E Leônidas que.

MARIA CELINA ALBANO: Ah Leônidas Lafetá.

MICHEL MARIE LE VEN: Que morreu a pouco.

MARIA CELINA ALBANO: Morreu a pouco tempo, morreu.

MICHEL MARIE LE VEN: Ele morava perto do condomínio.

MARIA CELINA ALBANO: É? Ah. Michel Marie Le Ven já foi ótimo, muito obrigada, qualquer dúvida depois né, nós ligamos para você.

GABRIELA: Te telefonamos [*sic*].

MARIA CELINA ALBANO: Mas a gente manda depois a transcrição direitinho para você ver, tá? É Armando, né?

ARMANDO: Isso.

MARIA CELINA ALBANO: Armando muito obrigada viu? Foi ótimo. Contamos com você. Continuamos contando com você, né.

ARMANDO: Estamos aí.

MARIA CELINA ALBANO: Está ótimo, obrigada.

MICHEL MARIE LE VEN: Tirando os esquecimentos.

MARIA CELINA ALBANO: Não. Agora esse casal de professores.



ARMANDO: Obrigado.

MICHEL MARIE LE VEN: Você não lembra da [sic] professora Regina? Regina que morava lá.

MARIA CELINA ALBANO: Regina? Ah.

MICHEL MARIE LE VEN: Regina casada.